



A posição fóbica central: com um modelo da associação livre*

André Green**, Paris

O autor discute uma qualidade específica de comportamento associativo observada em alguns pacientes borderline, seu papel na manutenção de um posicionamento defensivo central claramente perceptível em um uso complexo do analista e um funcionamento específico da mente ao qual o autor denomina fóbico. Ilustrando sua argumentação com um relato clínico detalhado da ligação gradual de temas associativos em um paciente em particular, o autor demonstra a teoria que embasa sua prática clínica, assim como exemplifica o alicerce teórico mais profundo de sua abordagem psicanalítica, o que implica em uma nova formulação do método da associação livre. Construindo um espaço analítico no qual associação livre e escuta psicanalítica são possíveis, o analista pode vincular ideias previamente catastróficas, desconhecidas pela consciência do paciente e a elas dar voz, para auxiliá-lo a criar significados e obter alívio de terrores previamente dominantes, mas desconhecidos. Concluindo seu trabalho, o autor vincula seu relato clínico tanto a suas ideias sobre temporalidade e negatividade quanto à relação entre elementos edípicos e pré-edípicos.

Descritores: Boderline. Edípico. Temporalidade. Negatividade. Método de associação livre.

* Originalmente publicado na Revue Française de Psychanalyse, v. 64, n. 3, p. 743-771, 2000.

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris.



O estudo da neurose fóbica, desde os primórdios da psicanálise, define-a como um medo irracional, muitas vezes combinado a uma aversão, que surge diante de certos objetos ou de certas situações. Ela associa uma atitude de evitação, um deslocamento para o objeto ou a situação que se tornarão fobogênicos e uma projeção no exterior. Em geral, esse conjunto que constitui o sintoma só afeta o psiquismo de uma maneira circunscrita e limitada, a tal ponto que, em certos casos, quando o sujeito consegue contornar os objetos ou as circunstâncias que fazem aparecer a fobia, ele pode inclusive ter um funcionamento compatível com a normalidade. Posteriormente, esse quadro bem delimitado foi posto em questão ao se deparar com formas muito mais amplas, cuja análise apenas muito raramente se apoiava nos mecanismos de simbolização que o deslocamento possibilitara constatar. O quadro neurótico da fobia parecia ter-se rompido para deixar que aparecessem formas de angústia muito mais invasivas.

Além disso, a própria natureza da angústia revelou-se sob uma luz diferente daquela que existia na neurose fóbica. Não me refiro às diferenças estabelecidas desde o início entre neurose de angústia e fobia, também chamada de histeria de angústia, mas sim às relações entre angústia, terror e pavor, que foram nomeados apenas de forma alusiva, sem ser verdadeiramente desenvolvidos, embora fossem levados em conta na patologia psiquiátrica. É verdade que se encontram menções na teoria a propósito de uma ocorrência hipotética na infância dos pacientes de *medos de aniquilação*, de *angústias sem nome* ou de *tormentos atrozes (agonias)*, mas sua descrição no adulto foi pouco detalhada na clínica psicanalítica.

De resto, a análise da fobia consistiu sobretudo em tentar compreender a constituição do sintoma neurótico a partir de deduções que podiam ser tiradas das associações fornecidas pelo paciente, sem que com isso se pretendesse evidenciar a aparição de um funcionamento psíquico particular em sessão. Fala-se no divã do acesso de angústia que se teve fora da sessão, isto é, da lembrança que se guardou de uma crise entre as sessões. O que me proponho a descrever é a análise de um funcionamento fóbico durante a sessão. Para que um tal funcionamento não se mantenha nos limites de um sintoma que se manifesta sobretudo no exterior, é preciso que este último não seja suficiente para circunscrever o conflito ou, pelo menos, seus aspectos mais investidos.

Os pacientes de que falarei podem apresentar manifestações fóbicas. Contudo, sua análise durante as sessões não levou a grande coisa, pois as conclusões a que se chega ainda são geralmente vagas e indeterminadas. Elas produzem poucas associações, mobilizam massivamente as soluções de evitação



a que me referi, mas não incitam o paciente a compreender o que traduzem de sua vida psíquica ou a relacioná-las com aquilo de que seria o deslocamento. Diferentemente dos casos em que a fobia é circunscrita, permitindo um funcionamento psíquico normal, aqui, ao contrário, aparece uma inibição estendida do Eu, confinando os pacientes a um isolamento cada vez maior. Com muita frequência, eles alegam sobretudo a obrigação de adotarem uma atitude de fuga sem chegarem a esclarecer o que temem. As escaladas de angústia não são objeto de nenhuma tematização significativa, mesmo de uma forma racionalizada. Contudo, não se está diante de ataques de pânico, onde o pavor está em primeiro plano. Em suma, é como se o funcionamento fóbico estivesse instalado no interior mesmo do discurso e impedisse qualquer desdobramento possível no psiquismo. O analista acaba por se surpreender com certas particularidades do funcionamento associativo do paciente em sessão, mas não é possível dizer se o que se percebe na escuta traduz exatamente o mesmo mecanismo fóbico que se opera nos sintomas que se manifestam no exterior. De todo modo, ainda que o sentido não seja idêntico, ele poderia muito bem remontar a uma fonte comum que se pode identificar como transtorno do pensamento. Aqui, poderíamos dizer que o único objeto envolvido é o analista e que a evitação recai sobre a própria função analítica, com o desejo de escapar à investigação. Mas, na verdade, trata-se então menos do analista enquanto objeto distinto do que de uma situação de não-separabilidade entre sujeito e objeto onde a transferência temida sobre o analista revela a projeção de um poder de penetração sobre os pensamentos do paciente, de tal modo que não deixa outra saída a não ser uma abrasão radical da inteligibilidade que poderia emergir da comunicação. Esse aspecto de projeção, limitado aqui à própria presença do analista, dissimula de fato a necessidade do paciente de fugir dele mesmo, como se corresse um perigo que não se compara com o que é temido conscientemente pela supressão de um recalque. Aqui, como sempre, o medo profundamente enraizado consistirá, para o paciente, em descobrir alguma coisa que está nele, mas da qual ele não pode dar conta em termos de transgressão apenas, embora o medo desta também esteja presente. No entanto, quando a análise conseguir chegar a uma elucidação, será possível constatar que a evitação se refere menos a um medo do que a uma espécie de captura em uma armadilha sem saída que se fecha sobre ele mesmo. Parece até que o analista é imaginado como vítima da situação na qual o paciente teria conseguido encerrá-lo.



Definição da posição fóbica central

Por posição fóbica central, entendo uma disposição psíquica de base que se encontra geralmente no tratamento de certos estados limites. Escolhi o adjetivo *central* a fim de marcar o aspecto fundamental que quero descrever do funcionamento mental desses casos. Não viso o que é considerado como o mais profundo dos estágios do funcionamento psíquico do analisando, pulsão ou relação de objeto, nem, inversamente, o aspecto associável ao consciente através do discurso do paciente. Tampouco se trata de atingir os níveis daquilo que se supõe ser o mais antigo ou o mais primitivo. Não é simplesmente do acesso ao consciente de certas partes do inconsciente do paciente que vou tratar, mas sim das ressonâncias e das correspondências entre certos temas que abrem caminho através de diversos aspectos vindos do recalcado, ameaçadores, não somente em vista das sanções do supereu, mas também para a organização do eu. É por isso que é preciso impedir o pleno florescimento desses conteúdos no consciente e sua revivescência completa. Esses temas, que demarcam a história do sujeito, potencializam-se mutuamente, isto é, não se contentam em se somar, mas se amplificam ao se relacionarem uns com os outros, afetando seu funcionamento psíquico que não pode mais então se contentar em evitar o que reemerge isoladamente ou em impedir o ressurgimento do mais antigo ou do mais profundo, pois se trata também de impedir a extensão que liga os temas uns aos outros. O resultado global não pode ser compreendido pela referência a um acontecimento traumático singular, por mais profundo e intenso que seja, mas remete antes a relações de reforço mútuo entre diversos acontecimentos cuja soma criaria uma desintegração virtual nascida da conjunção de diferentes situações traumatizantes que fazem eco umas às outras. É por isso então que é preciso antes conceber, no discurso do paciente, as condensações daquilo que se apresenta como placas giratórias apavorantes, pois se tornam o nó de encontros onde se entrecruzam diferentes linhas traumáticas. Eu gostaria de submeter a ideia de que se trata não apenas de impedir o retorno do trauma mais marcante, nem do que foi descrito em termos de traumas cumulativos (Khan, 1974), mas de conexões entre constelações cuja relação entre elas é sentida como uma invasão angustiante por forças incontroláveis, onde o despertar de qualquer um desses traumas entraria em ressonância amplificadora com outros, cuja imagem composta seria impensável, porque desencadearia uma violência inconcebível dirigida contra o Eu do paciente. Deve-se supor, portanto, que o que torna a aglomeração desses temas muito perigosa é que eles têm a ver com organizadores fundamentais da vida psíquica suscetíveis de provocar a catástrofe. O que é atingido são pilares da



vida mental que o paciente tinha conseguido, bem ou mal, manter separados ou negar suas relações antes da análise. O verdadeiro trauma consistirá então na possibilidade de vê-los reunidos em uma configuração de conjunto onde o sujeito perde sua capacidade interior de se opor às proibições e não tem mais como assegurar os limites de sua individualidade, recorrendo a identificações múltiplas e às vezes contraditórias, e sendo incapaz agora de pôr em prática soluções defensivas isoladas. É por isso que a ideia de centralidade me pareceu a mais apropriada para definir uma situação *entre duas águas*, nível intuitivamente percebido pelo analista como sendo aquele em que progride a corrente associativa, enfrentando aquilo que cria obstáculo à sua progressão, às suas ramificações, ao seu desdobramento no sentido da superfície, assim como em direção à profundidade. Esse tipo de funcionamento, que testemunha a fragilidade da capacidade de autoinvestigação, tem consequências tão radicais, que só se pode explicar o recurso a esses mecanismos automutilantes para o pensamento pela necessidade de se proteger de grandes ameaças internas. É por isso que a referência ao pavor ou ao pânico é ainda o que parece corresponder melhor à experiência do paciente. Seria justificado falar aqui, se isso fosse possível, de traços mnésicos inconscientes de *terrores diurnos* profundamente enterrados, mas sempre ativos.

O discurso associativo em sessão: um modelo

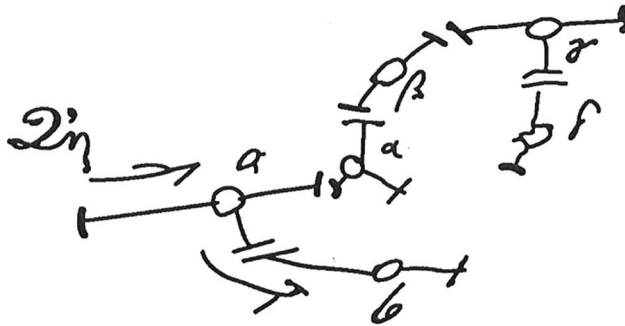
Para compreender bem o que quero dizer, é indispensável mostrar antes como concebo o funcionamento de uma sessão idealmente produtiva. Vamos partir do esquema do capítulo 14, *Primeiras noções do Eu*, da primeira parte do *Projeto para uma psicologia científica* (Figura 1). Nesse grafismo, Freud (1895) imagina um encadeamento de unidades que podem ser consideradas como a antecipação da descoberta de neurônios, cujas reuniões ele descreve segundo dois caminhos. O que mantém sua animação são, em sua terminologia, quantidades móveis. De um lado, o investimento direto de uma quantidade móvel do neurônio *a* em direção ao neurônio *b* os coloca em relação devido a uma “atração provocada pelo desejo” (p. 342); de outro lado, uma cadeia chamada por ele de “investimento lateral” (p. 342) que, partindo de *a*, se desdobra, segundo um trajeto arborescente, para outros neurônios α , β , δ , γ . O investimento lateral supre a via *a – b* quando esta é obstruída, porque é suscetível de causar desprazer. Freud fala, na verdade, de inibição, pois o recalque ainda não foi descoberto.

Vemos facilmente como, com a ajuda do mecanismo que atrai a atenção do Eu para um investimento novo da imagem pensosa, o Eu consegue às vezes



deter a passagem de uma quantidade que emana dessa imagem e leva a uma produção de desprazer. Ele chega a isso graças a um investimento lateral considerável, suscetível de aumentar quando as circunstâncias exigem (Freud, 1895, p. 342).

O investimento lateral encontra então uma saída alternativa a esses trilhamentos inibidos. Sugiro a hipótese de que a ligação entre a e o investimento lateral substitutivo $\alpha, \beta, \delta, \gamma$ deve ter uma relação mais ou menos homológica com o trilhamento inibido $a - b$, de tal modo que a análise desse investimento lateral em ligação com a deveria nos dar uma ideia parcial ou aproximativa sobre a relação inibida $a - b$.



Q'n: quantidade móvel. Via ab : investimento direto inibido.
Via $\alpha, \beta, \delta, \gamma$: investimento lateral.

Figura 1. Esquema de Freud extraído de *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895).

Vou considerar essa esquematização como um modelo nuclear reunindo o investimento, a dinâmica do sentido, o recalque e a resistência, e ainda as associações, como modo de reconhecimento que permite a abordagem indireta e parcial do inconsciente recalcado. Desejo modificar o esquema para aplicá-lo ao tipo de comunicação na sessão. Quando a regra da associação livre é observada durante uma sessão produtiva, o paciente enuncia frases que se seguem sem ligação lógica. Nessa ordem dispersa, pode-se destacar que cada idéia que possui uma certa consistência semântica – eu as denomino semantemas principais – é cercada de comentários circunstanciais que equiparo aos investimentos laterais do esquema





de Freud (1895). Às vezes esses comentários servem de simples desenvolvimentos sobre os semantemas principais, desenvolvendo um papel análogo às proposições subordinadas da gramática e traduzindo ocasionalmente uma dificuldade em deixar que se associe diretamente uma outra semântica principal. O que é importante observar é que a associação livre se serve de estruturas narrativas ou gramaticais sem respeitar sua ordenação funcional, e o encadeamento do discurso estabelece ligações ignorando a categorização em principal, subordinado, ou trilhamento direto e investimento lateral. A resistência obriga ao desvio, mas este, em contrapartida, enriquece as possibilidades de associação! É o que mostra retrospectivamente a análise de uma significação emergente de certas ligações soltas de diferentes elementos dispersos na comunicação. Significa supor, portanto, que o discurso produzido pela associação livre leva a desenvolvimentos incidentes para impedir o estabelecimento de ligações muito diretas com o inconsciente e que os comentários que parecem secundários ou subordinados podem desempenhar, para o inconsciente, o mesmo papel que os investimentos laterais; ou seja, ao lado de sua função de desvio, os caminhos seguidos entram em ligação aproveitando a baixa da censura racional para criarem novas relações que surgem quando se põem entre parênteses categorias gramaticais do discurso. Isto é conhecido e admitido pelos psicanalistas que, em geral, não vão mais longe. Percebeu-se que uma nova trama de ligações podia transparecer, mas as vias pelas quais ela se forma foram deixadas na sombra. Se, para o consciente, esse aspecto confuso é portador de obscuridade quanto à inteligibilidade de conjunto, para a escuta analítica a nova trama permite pensar que existem ligações significativas entre *quaisquer* elementos enunciados, quer provenham de duas ideias semanticamente consistentes ou de uma idéia semanticamente consistente com qualquer outro aspecto da verbalização, presente de maneira incidente ou contingente, fazendo parte de investimentos laterais enunciados ou ligados por inferência. Isso decorre da hipótese que levantamos de que os diferentes investimentos laterais deviam ser colocados em relação com a via obstruída que não pode ser trilhada, o que conduz diretamente de *a* para *b*.

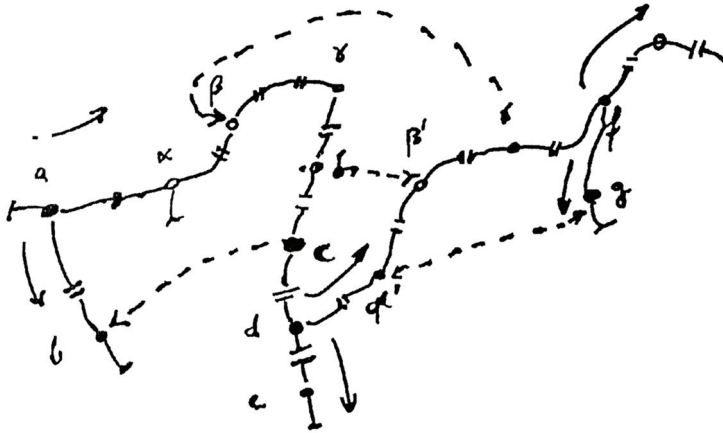
Isto nada mais é do que a preliminar daquilo que devemos compreender. Essa associatividade nos incita a buscar o sentido latente, antevendo que a compreensão de um elemento *d* da cadeia *a, b, c, d, e, f* não pode desvendar sua função pela mera referência presumida com aquele que o precede, *c*. Mais precisamente, é preciso acrescentar que *c* será infiltrado, habitado, potencialmente inflado, por relações reflexivas que possa ter mantido com um ou vários elementos contingentes de uma outra cadeia distante dele, seja com seus investimentos laterais, seja com um elemento anterior pertencente à série de idéias





semanticamente consistentes. A idéia geral é que o sentido inconsciente, em seu impulso em direção à consciência, procura trilhar um caminho para si e deve, para ser liberado, passar por ligações que não põem em contato direto os elementos que entram em sua composição, ou que estes podem ser deduzidos por simples relações de proximidade imediata, desprezando o que parece desempenhar apenas a função de digressões. Evidentemente, os afetos desempenham o papel mais importante nessa difração, nessas derivações, rupturas ou encadeamentos. Contudo, seria um erro pensar que a marcação dos afetos bastaria para orientar claramente no sentido do que deve conduzir à significação latente. Pois os afetos podem surgir como consequência do dismantelamento associativo e ter como função apenas a conotação de um aspecto do discurso surgido durante o percurso, sem com isso desempenhar um papel importante na trama associativa evidenciada graças ao trabalho associativo.

Contata-se que essa forma de pensamento não se limita a buscar um relaxamento da censura, mas induz um funcionamento livre das imposições do sequenciamento das palavras, pondo em jogo a atração (e a repulsa que a acompanha) dos elementos recalcados que comandam a produção dos temas apresentados na superfície. A demanda de associação livre tem uma dupla consequência: ela leva a renunciar às imposições que asseguram o encadeamento de idéias, a coerência lógica requisitada pelo pensamento secundário e a liberar assim a circulação de divagações temáticas tanto sobre a sucessão das diferentes idéias emitidas, quanto sobre os desvios produzidos por algumas delas que podem, à primeira vista, parecer contingentes ou adjacentes; em contrapartida, esse modo de discursividade, ao mesmo tempo frouxo e quebrado, facilita, pelo descerramento das relações internas à comunicação, uma atividade que intensifica modos de radiação à distância entre partes do discurso, como buscam deliberadamente a poesia e a escrita artística, mas de forma controlada. O que nos indica que essa radiação, ao suscitar efeitos à distância, parece ser uma capacidade do espírito humano que entra em jogo quando aquilo que visa o discurso não pode ser enunciado sem implicar um risco para quem se exprime, ou que um discurso indireto é mais rico quando adota as formas da poética (Figura 2). As ligações entre as palavras têm muito mais capacidades semânticas do que a própria sucessão das palavras. Isso lança luz sobre a importância da dimensão de evocação da linguagem (Lacan, 1977a), que escapa à visibilidade, à continuidade e ao arranjo obtidos pelas ligações perceptíveis em uma lógica que define suas regras obedecendo às leis que regem os processos secundários.



- *a, b, c, d, e, f*: funcionamento dos semantemas principais
- $\alpha, \beta, \gamma, \delta, \alpha', \beta', \gamma', \delta'$: funcionamento dos semantemas subordinados (investimentos laterais)
- abcdefg*: vias trilhadas
- ⋯← reverberações retroativas
- ← anúncios antecipadores

Figura 2. Diagrama da radiação associativa

A imagem do funcionamento arbustivo permite-nos captar melhor a originalidade do entendimento analítico. A saber, que na desordem aparente da comunicação, são os efeitos de ressonância mútua que valorizam esse funcionamento. É preciso ainda determinar de que maneira esse funcionamento induz a compreensão e a interpretação do analista. As associações permitem demarcar, por meio de condensações e deslocamentos, núcleos de *reverberação retroativa*: a saber, que um elemento enunciado só adquire verdadeiramente seu sentido se, a partir dele, se revelam ecos retroativos às vezes convergentes, contidos nas palavras enunciadas anteriormente na sessão, que testemunham a persistência de seu poder significativo muito tempo depois que o discurso que as veiculava se extinguiu. Do mesmo modo, em outros momentos, embora nada permita pressagiar isso, certos termos terão efeitos de advertência, experimentados como tais *a posteriori*, sem que o analista, no momento em que os ouve, esteja em condições de prever a forma do que sucedera, e cujo advento posterior permitirá deduzir retroativamente a relação com seu precursor. A importância dessas ligações é





percebida *a posteriori*, pois o valor de antecipação estava isolado e não podia deixar pressentir precisamente o que se anunciava então. Assim, *reverberação retroativa* e *anúnciação antecipadora* agirão em combinação ou em alternância, fazendo-nos compreender que a associação livre nos permite ter acesso a uma estrutura temporal complexa (Green, 2000) que põe em questão a linearidade aparente do discurso para nos tornar sensíveis a uma temporalidade tanto progrediente quanto regrediente, de estrutura arborescente e, sobretudo, produtora de potencialidades não exprimidas ou geradoras de ecos retrospectivos. Se isso ocorre, é porque a organização psíquica não para de se remanejar ao longo de sua história, ao que Freud (1915) havia feito alusão, sem elaborar suas implicações teóricas, ao falar da atração no recalçado pré-existente (*O Recalque*).

Como se vê, um tal funcionamento lembra muito mais a figura da rede do que a da linearidade, às vezes ramificada na coexistência de diferentes temporalidades, lineares e reticulares. Além disso, entre as ramificações que entram na figuração do processo, algumas partes podem permanecer mudas, pois são submetidas a um contrainvestimento muito forte; elas não são menos ativas no inconsciente, podendo às vezes ser reanimadas ou, em outros casos, passar a excitar outras sem se expressarem explicitamente. Outras parecerão ausentes, e o sentido jamais se desenvolverá a partir delas, mas insinuarão na mente do analista a ideia de sua necessidade para chegar a uma compreensão mínima e, no entanto, sempre hipotética. *Se há efetivamente arborescência do sentido, é na medida em que se pode passar de um ramo da árvore a outro por um trajeto recorrente para chegar em seguida às bifurcações posteriores do ramo de onde se partiu.*

Consequentemente, é preciso insistir no caráter das associações que põe em evidência uma característica que, pelo que sei, pertence apenas à psicanálise. Há pouco questionávamos a linearidade das associações que ocorrem de maneira muito geral nas teorizações linguísticas. Os linguistas costumam dizer que as relações entre os termos reunidos prevalecem sobre o sentido dos próprios termos. Além disso, dada a infiltração pelo inconsciente do discurso consciente – o que significa também efeito indireto, invisível e mudo dos investimentos das representações de palavras e da pressão exercida pelos *quanta* de afetos que os conotam e que comandam sua progressão dinâmica –, o discurso associativo é marcado em certos momentos pelo que chamo de *efeitos de irradiação*. Portanto, certos termos – ou melhor, certos momentos do discurso – que ocupam uma posição estratégica que, em geral, só será compreendida *a posteriori*, são portadores de efeitos dinâmicos tais que, uma vez pronunciados, e mesmo antes disso, embora sejam ainda apenas pensamentos não articulados, eles irradiam e influenciam a intencionalidade discursiva. Aliás, são em geral os mesmos que, defensivamente,



engendram investimentos laterais. É então que eles tenderão a entrar em ressonância ou com termos já enunciados, de uma maneira retroativa, ou ainda, e às vezes de forma simultânea, com termos por vir, *ainda não pensados*, mas potencialmente geradores de temas que deixam perceber novas relações com o que foi exprimido. Eles estariam aqui, portanto, em posição de *indicadores*, sob o efeito de uma vibração intensa. Vimos isso no movimento, tanto para trás como para a frente, no escoamento da comunicação durante a sessão, tanto em relação ao já dito como em relação a um dizer por vir, sugerindo uma *virtualidade de existência*. Essa concepção, que proponho chamar de *radiação associativa*, traça, através do desdobramento do discurso manifesto, resultante da associação livre, linhas de força que o atravessam e que vão constituir as veias do discurso, permitindo seguir, ressoar, retroagir, acolher antecipadamente o impacto significativo que circula ao longo dos percursos cujo plano se desenha segundo as coordenadas do inconsciente marcadas pelos superinvestimentos e os contrainvestimentos que os acompanham. Os momentos de suspensão da associação têm o interesse de assinalar os nós da resistência e de tornar sensíveis os remanejamentos aos quais procedem. Essa descrição serve para apreender melhor as modalidades pré-conscientes da escuta pelo analista do discurso em sessão com todas as suas conotações transferenciais e suas recorrências contratransferenciais.

Nessa ótica, o analista segue um procedimento correspondente ao que percebe do modo de expressão do paciente. Ele tenta liberar o sentido veiculado pela palavra através do que já ouviu do discurso do analisando na sessão, o que não deixará de fazer eco a temas já abordados em sessões anteriores ou atuais. Além disso, seu ouvido está atento também àquilo que ele não pode deixar de se preparar para ouvir sobre o desenvolvimento de temas expostos pelo discurso já enunciado, em um percurso fragmentado, misturando tempos passados e futuros, seguindo uma exploração em vai-e-vem dentro do desenrolar do presente. Esse movimento de espera de um sentido a cumprir não se contenta em geral com uma mera antecipação ou com uma hipótese única que aguarda sua realização, mas, simultaneamente, com várias virtualidades das quais, talvez, apenas uma será selecionada para estabilizar o sentido. Em certos casos, nenhuma delas será validada, todas devendo ceder lugar a uma hipótese imprevista, surgida extemporaneamente, que resulta de relações já estabelecidas pelo discurso. As hipóteses anteriores invalidadas não desaparecerão por completo, mas, na maior parte do tempo, serão mantidas em latência, podendo ressurgir ocasionalmente ou cair na obsolescência se nada vier reanimá-las. Mas, de todo modo, o andamento da sessão que está em busca de um equilíbrio entre a frenagem da resistência e o



impulso da progressão em direção à consciência prepara o ouvido para a recepção de uma complexidade polissêmica aberta, prospectiva e retrospectiva, participando da construção de uma dialética semântica processual. Processo significa justamente marcha, ação de ir avançando.

Enfim, ao falar dos organizadores da vida psíquica do paciente, faço alusão a esses conceitos-chave em torno dos quais se constrói o universo mental do paciente. Eles são para nós o que os referentes são para os linguistas. É absolutamente deplorável ter de constatar que não há ainda um consenso entre os psicanalistas sobre as categorias que eles representam. Sem dúvida, é uma tarefa para o futuro chegar a um acordo sobre esse tema.

Primeira abordagem da evitação associativa como manifestação do negativo

Já há muito tempo eu estava intrigado com o comportamento associativo de certos analisandos que, chegando em diferentes momentos à sessão, pareciam escapar a qualquer movimento de pensamento que os havia conduzido até um certo ponto de seu discurso, embora a conclusão da sequência de seu avanço fosse quase previsível. Na época, eu havia feito essas observações em pacientes neuróticos e atribuíra a uma resistência o que me parecia uma fuga diante da tomada de consciência de um desejo proibido. Posteriormente, fiquei surpreso ao ler, em um texto de Bion, o relato de uma situação um pouco diferente que, no entanto, não pude deixar de relacionar à observação precedente. Bion (1967) falava desses casos em que o material exposto pelos pacientes parecia bastante significativo para o analista, mesmo não fazendo sentido para o analisando. Mas aqui tratava-se de pacientes psicóticos, e era evidente a afecção profunda de seu funcionamento mental. Essa foi a origem, junto com outros fatos notáveis, da concepção de *ataque aos vínculos*, que se associa ao nome de Bion. A comparação com a situação anterior evidenciava que, enquanto, no primeiro caso, o recalque estava relacionado principalmente aos rebentos das pulsões sexuais, no segundo, a ação das forças destrutivas sobre o Eu estava em primeiro plano. Em seguida, o interesse que dediquei ao trabalho do negativo agudizou meu ouvido em direção às formas de negatividade que não se deixavam interpretar por sua relação direta com as pulsões destrutivas. É com isso que o analista tem de lidar essencialmente na relação de transferência com pacientes *limites*; é a destrutividade que se volta de forma prevalente, *prioritariamente, contra o próprio funcionamento psíquico do sujeito*. A destrutividade pode não ser afetada a não ser nas defesas negativistas, das quais a clivagem freudiana é a forma mais sutil. A comunicação analítica ali



é portadora de contradições essenciais, vivendo em coexistência sem que uma domine a outra, obrigando o pensamento do analista a elaborar o produto de sua escuta segundo registros não usuais, desconcertantes, estranhos. Referi-me, mais de uma vez, ao escrito inacabado de Freud, *Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis*, versão inglesa de seu *Abriss*, onde ele previa que a análise iria conhecer no futuro modos de funcionamento psíquico cada vez mais distanciados do senso comum. O que significa dizer, provavelmente, cada vez mais distanciados daquilo que a psicanálise das neuroses lhe havia ensinado e que constitui a base da *Metapsicologia* (Freud, 1915). *O trabalho do negativo* (Green, 1993) procurou desenvolver suas implicações clínicas, técnicas e teóricas.

Hoje, vou me ater a certas manifestações *negativistas* no tratamento que podem se apresentar de uma maneira cuja função o analisando leva muito tempo para reconhecer e que não se interrompem depois que ele as reconhece. Refiro-me aqui ao comportamento de um analisando que me procurou por causa de uma angústia crônica. Ele havia feito diversas tentativas terapêuticas que revelavam, entre outras coisas, sua intolerância à relação e ao silêncio. Pouco tempo depois de ter iniciado o tratamento comigo, que ele parecia ter desejado ardentemente apesar de tudo, e após intervenções que eu julgara tanto mais necessárias em relação às suas experiências anteriores na medida em que ele não suportava o silêncio de seus terapeutas, ele me respondia às vezes: “Eu não o ouço, tenho merda nas orelhas.” Ele não falava dessa surdez como de uma impossibilidade de me escutar, mas sim como uma recusa de me ouvir. Dez anos depois, durante uma sessão recente, ele voltou a me dizer a propósito de uma interpretação que não o agradou: “Eu não o ouço.” Não compreendi que ela exprimia a mesma oposição de outrora e acreditei realmente que minha voz não era suficientemente audível. Surpreendente constância: ele havia simplesmente suprimido a contração anal metafórica de sua orelha. Na sessão seguinte, no entanto, ele mostrou uma notável capacidade integradora. Mas esse entendimento intermitente permanecera característico de seu funcionamento, mesmo após avanços notáveis. A diferença estava em uma capacidade de restabelecimento do *insight*, cujo progresso não era uma ilusão, mas cujo exercício devia antes de tudo ser precedido da compulsão de repetição que, felizmente, se tornara transitória, destinada a me fazer perder pé e parar na iminência do perigo que podia representar a visão mais aprofundada que ele havia adquirido de seus conflitos passados.

Hoje, parece-me que esses comportamentos, cujo objetivo defensivo eu compreendera bem, devem ser relacionados a manifestações fóbicas. Mas me restava ainda passar do plano do comportamento, por mais sintomático que fosse, àquilo que constitui sua especificidade e que cria obstáculo à inteligibilidade



analítica: isto é, que o sentido como emergência da associação livre na relação transferencial se torna o objeto de um ruído e de uma asfixia quase sistemáticos.

Descrição da posição fóbica central

O caso clínico de Gabriel me trouxe o esclarecimento que me faltava. Essa análise, tumultuosa em muitos momentos, é rica de peripécias e de descobertas heurísticamente fecundas. Ela se encontra hoje em uma etapa muito avançada após um longo percurso. Certas experiências terapêuticas tinham terminado por uma decisão unilateral, devida, provavelmente, a reações contratransferenciais incontroladas. Isso aumentava o sentimento de abandono, em um momento em que ele tinha mais necessidade de ser apoiado. Durante longos anos, as sessões eram consagradas a queixas a propósito de angústias permanentes, e suas palavras eram particularmente confusas. Às vezes, emergiam também temas bastante interessantes quando eu conseguia segui-los, acompanhados regularmente da impressão de que eu suspirava de cansaço, de irritação e de contrariedade, tantos eram os sinais precursores daquilo que, segundo ele, anunciava que eu ia mandá-lo embora. “Não sei”, “Não sei muito bem”, “Não me lembro”, “Não é apaixonante isso que estou dizendo”, entrecortavam as sequências de seu discurso. Eu não tinha nenhuma indicação precisa sobre sua história. Ele reconheceria mais tarde que essas frases tinham o poder de aniquilar qualquer representação. Fatos jamais datados de maneira a fornecer uma cronologia eram situados ora em uma idade, ora em outra, raramente acompanhados de lembranças evocáveis que pudessem dar uma ideia sobre a posição psíquica do paciente em face dos acontecimentos relatados. Recensões sufocadas na ressurgência dos acontecimentos relatados. Uma vida em linha quebrada, marcada por uma grande solidão, agravada aos doze anos de idade pelo divórcio dos pais, que o levou a conviver com uma mãe deprimida e inacessível, prisioneira de seu marasmo e de sua falta de gosto de viver. Quando tinha quinze anos, a mãe desapareceu um dia, não retornando de um tratamento termal. O pai continuava sendo o objeto de uma oposição sem trégua. Sem saber mais o que fazer, o pai, divorciado e casado novamente, decidiu consultar um psiquiatra clássico, que emitiu suas conclusões dizendo ao pai que o filho o detestava e sem sugerir mais nada. Ele se mudou da região parisiense, não sem propor em vão a Gabriel que o acompanhasse. Este vivia em conflito permanente com a madrasta e ficou completamente isolado após a partida deles. Estudos caóticos, um período de adolescência muito tumultuado, marcado pela agitação política e alguns comportamentos transgressivos que revelarão sua vulnerabilidade. Após ser reprovado no exame final do ensino médio, uma



permanência temporária no exterior vivida no isolamento, na solidão e na tristeza, um retorno ao país e à faculdade, por iniciativa de um amigo, para um curso que não tinha nada a ver com seu trabalho atual. Levei algum tempo para compreender que a sensação que eu tinha de perder periodicamente o fio do que ele me comunicava se devia a rupturas associativas potencialmente significativas. Mais do que interrupções ou mudanças de tema – o que se inscreve na consequência de associações livres, – tratava-se de um discurso que parecia ser mantido à distância, longamente desenvolvido a partir de generalidades que me davam a impressão de procurar meu caminho no nevoeiro. Acreditei inicialmente estar diante de uma atitude decorrente de um recalque massivo e amplo. Até o momento em que compreendi que, se ele se via assim obrigado a impedir a instalação da associação livre, não era por falta, mas, ao contrário, por um excesso potencial de associações. Em outras palavras, quanto mais progredia naquilo que tinha a dizer, mais ele tinha a sensação de perigo, porque a comunicação entre as partes de seu discurso não era suficientemente estanque e porque ele cortava sua palavra ou a embolava, como se procurasse prevenir uma saída em direção à qual seria irresistivelmente conduzido caso se deixasse levar. A saída que ele temia não era outra senão a doença somática ou a loucura, limitando-se em seguida à segunda. Muitos indícios me haviam possibilitado compreender que a ameaça de loucura estava relacionada com a ideia de que ele estava ligado à mãe por um vínculo que nada nem ninguém jamais poderia romper, não deixando lugar para nenhum investimento que oferecesse o risco de afastá-lo dela. Vindo a essas sessões, ele tinha a impressão de ouvir sua voz chamando-o.

Na infância, um acontecimento relevante: a entrega a uma ama-de-leite. Com que idade? Levei mais ou menos oito anos para saber que isso ocorrera entre 1 e 3 anos de idade. Por que razão? Mistério. Os motivos invocados eram pouco convincentes. Mas um outro trauma agravou o da separação: o pai teria ido visitá-lo quase todas as semanas no campo, a 300 km de Paris, a mãe jamais – salvo para trazê-lo de volta. Como era de se esperar, nesse dia ele não a reconheceu, chamando-a de senhora durante o trajeto de volta. Depois, passadas algumas horas, ele conseguiu se recordar de quem era ela. Essa mãe, que vivia na província, jamais o visitava, jamais lhe escrevia, jamais telefonava, desligando a linha durante longos períodos sem responder aos chamados, jamais via ninguém, recusando suas propostas de ir visitá-la, embora se dirigisse a ele apaixonadamente quando falava com ela ao telefone para se queixar de qualquer coisa, acrescentando que só ele podia vir em seu socorro. Contudo, todas as sugestões e propostas que ele lhe fazia eram fatalmente rejeitadas. Que ela estivesse seriamente perturbada, como é provável, eu já tinha percebido há muito tempo, mas o significado de seu



comportamento era mais difícil de determinar. Sua atitude desconcertante se explicava, como acabei por compreender, pelo fato de que ela preferia não ver as pessoas, pois não suportava se separar delas, temendo adoecer quando a deixassem.

Alguém lhe contara que, antes se ser entregue à ama-de-leite, sua mãe tivera um abscesso no seio enquanto o amamentava. Ela continuara a amamentá-lo, pois não sentia nada – o que dá uma ideia de seu masoquismo. Ela não se dava conta de que seu filho gritava como um desesperado, definhava a olhos vistos, absorvendo apenas o produto de um seio purulento e vazio. O pai acabou por intervir, e o médico consultado separou a mãe do filho, prescrevendo “injeções de água do mar”, em outras palavras, suponho, soro fisiológico para reidratá-lo.

Um dia, no segundo ano da análise, quando ele evocava pela enésima vez o período com a ama-de-leite – embora, quando fosse eu que fizesse alusão a isso, ele preferisse banalizar o fato com frases do tipo: “Nenhuma criança que foi entregue a uma ama-de-leite guarda marcas, ficando como eu sou, etc.” –, ele me disse: “Ontem, voltei a pensar nessas visitas de meus pais que eu esperava no domingo. Eu me revi criança, às voltas com uma tensão angustiada indescritível, grudado na entrada da fazenda na expectativa de sua vinda e na esperança de vê-lo surgir. (Ele falava, na verdade, da decepção de não perceber sua mãe). Meu rosto tinha uma expressão tão tensa, tão aterradora, que eu disse a mim mesmo: ‘Não é possível, isso não pode ser eu’.”

Fiquei comovido com esse movimento que aliava uma lembrança traumática e o não-reconhecimento de uma imagem de si percebida e representada, mas renegada. De resto, eu não conseguia saber se isso era uma lembrança ou uma revivência. Mas tinha a convicção de que não podia se tratar de uma fantasia. Uma criação do tratamento, sem dúvida, mas carregada de verdade. Se, à decepção renovada de não ver surgir a silhueta da mãe, se acrescenta o medo de mostrar sua tristeza ao pai, temendo que este, por sua vez, deixasse de visitá-lo, compreende-se que essa situação que podia ecoar na relação dual da criança com o seio faminto era, no caso, terceirizada. Sem falar da fantasia possível de que era ainda o pai que impedia a mãe de vir vê-lo a fim de guardá-la apenas para si, como se fosse ele que o tivesse privado, outrora, do seio que, embora mortífero, era sua possessão. Ele levou algum tempo para admitir que essa interpretação era plausível.

Desde então compreendi que ali estava a chave da atitude de meu paciente. Ele vivia tormentos permanentes, mas, de certa forma, não era ele que os vivia. Ou o que o angustiava encontrava explicação no comportamento dos outros em relação a ele. Esse movimento defensivo era facilitado por inúmeras confusões identitárias transitórias entre sua mãe e ele, entre ele e o tio morto de quem herdara



o nome e que não chegara a conhecer, mas com o qual lhe disseram que se parecia muito, depois, mais recentemente, entre sua mulher e sua mãe, e, finalmente, entre seu filho pequeno e ele. Além disso, sua mãe havia alimentado confusões semelhantes na adolescência, chegando a apresentá-lo às pessoas do bairro como seu irmão, ou mesmo seu marido, modificando seu sobrenome, inventando um outro que compartilhava com ele. Não se tratava de identificações, mas de suspensões transitórias de sua identidade. Em um momento de transferência, ele dirá: “Eu me tomo pelo doutor Green”, o que produzia um sentimento de usurpação que, na verdade, impedia qualquer identificação.

Algum tempo depois da evocação da espera frustrada da mãe que não vinha, ele voltou ao episódio do abscesso do seio para me relatar uma frase dela: “E você sugava, sugava, sugava.” E eu dizia para mim mesmo: “E não vinha nada!” Não se tratava apenas de um movimento de identificação com meu paciente e nem mesmo de uma reconstrução. De súbito, compreendi que eu havia procedido à associação entre os dois acontecimentos. Entre o primeiro e o segundo havia muitas diferenças. Contudo, o estabelecimento de uma ponte associativa era a consequência dessa radiação a que me referia e da qual eu já tinha tido a experiência na escuta das palavras que ele me comunicava. Quanto a ele, muitos de seus atos pareciam querer impedir essa possibilidade de se deixar surpreender tomando a dianteira e fazendo com que os outros vivessem o vazio que ele criava por seu desaparecimento real ou seu afastamento. Em compensação, ele era de uma fidelidade rigorosa às suas sessões. Compreendi melhor então o sentido dos comportamentos de um paciente. Eu tinha completado uma sequência em que ele se limitava a descrever a reação do outro, sua mãe, sem imaginar na transferência o que ele poderia ter experimentado, mas me incitando inconscientemente a ir até o fim do que ele sentia. Não havia saída, então, a não ser pelo corte da atividade mental, pelo temor da ressonância das diferentes situações traumáticas se reforçando mutuamente. Passo por cima de outras situações, relacionadas com outros temas mais conhecidos da psicanálise, como a angústia de castração, ou o sentimento de não ser compreendido por sua companheira do momento, ou a traição de uma amizade. Eu os menciono, sem desenvolvê-los, apenas para apoiar essa ideia de que a questão nele era a grande insegurança que sentia diante da exposição dos significantes-chave da psicanálise.

Ele me impressionara por certos comportamentos característicos: decidi, sob o impacto de um fracasso sentimental, imaginando assim dar conta de todos os seus infortúnios, deixar de pagar seus impostos, desaparecendo para a administração. Naturalmente, foi localizado novamente pelo fisco depois de alguns anos, temendo sanções muito mais graves do que as que são aplicadas nesses



casos. Profissionalmente, envolvia-se nas primeiras etapas de um trabalho coletivo e depois, subitamente, sumia. Em análise, não dava nenhuma explicação sobre essa maneira de se esquivar. Do mesmo modo, fugia dos encontros com as pessoas próximas diante das quais temia ser acusado pelos aborrecimentos que afetavam seu círculo. Muito angustiado ao menor sinal que pudesse indicar um problema de saúde em seu filho, não tinha outro recurso a não ser tentar manter um controle absoluto sobre sua mulher, esperando que ela fizesse desaparecer os sintomas, mesmo benignos, que ele pudesse apresentar e não suportando que ela respondesse que também não compreendia a causa deles. De sua parte, extremamente preocupado em estabelecer uma relação sem névoas com o filho, mostrava-se muito pouco receptivo às manifestações de ciúme edipiano deste, não podendo sequer imaginar sua existência.

Mas o que me pareceu bastante claro foi a razão de ser de seu funcionamento associativo: por vezes fluido, vago, geralmente inapreensível, defasado em relação aos acontecimentos relatados. Às vezes, ele reconhecía a exatidão de certas interpretações, mas depois agia como se jamais tivessem sido enunciadas. Compreendi então que o que impedia seu desdobramento associativo, o que, em suma, fazia estagnar essa progressão pluridimensional e esterilizava seu curso era a *antecipação* do ponto aonde isto podia conduzi-lo. No fim, era como se todas devessem levar à cascata de traumas, respondendo uns aos outros. Compreendi que o efeito do recalque não era suficiente para se dar uma ideia do que havia ocorrido. De fato, um certo grau de desinvestimento da arborescência das cadeias associativas extinguiu a força da radiação dos campos temáticos. Em outras palavras, o discurso caía na linearidade. A associatividade não voltava mais atrás no *après-coup* cuja sequência ela anunciava, abrindo para uma potencialidade. Isso não parava de falar, ou mesmo de associar – de um modo fragmentário, às vezes, mas, de todo modo, isso associava plano, sem relevo, sem profundidade, sem rupturas de tempo. Não era generativo, não se podia esperar nenhuma solução pela interpretação.

Mas, por que essa posição fóbica central? Por que esse evitamento do término do percurso associativo? Para me fazer experimentar a decepção de não vê-lo concluir, de não vê-lo chegar, como a mãe jamais percebida? Sem dúvida, mas sobretudo porque aquilo que revela o desamparo *é o assassinato da representação da mãe que não aparece ou do seio que não aplaca a fome, mas aumenta a excitação. Segue-se a ele a denegação da existência da própria realidade psíquica do sujeito que o cometeu.* “Não, isso não existe em mim, não pode ser eu, não é eu.” Eis, portanto, uma nova variedade do trabalho do negativo fundada na *alucinação negativa do sujeito por ele mesmo*, consistindo menos em



uma não-percepção do que em um não-reconhecimento. Gabriel, ao não ver sua mãe, reativava *nachträglich* o não-seio da mãe. Não o seio ausente – pois se tratava de um seio que supostamente estava lá alimentando –, mas um seio *lá e vazio*, isto é, destituído de suas funções, não existente enquanto seio, levando a se desfazer dele, a fazê-lo desaparecer, embora estivesse muito perceptivelmente lá, na boca, em carne, peito entre os lábios que não aspiravam nada que valesse. Do mesmo modo que ele não podia se imaginar recebendo qualquer coisa de benéfico de um pai que teria o desejo de lhe transmitir algo que ele pudesse utilizar na vida para o seu progresso pessoal. O percurso associativo deveria revelar, portanto, as ligações entre a ausência da mãe aos dois anos, o seio do período de seis a sete meses, sua impotência para ser investido pela mãe quando ficou sozinho com ela, o sentimento de um pai decepcionado com ele, o abandono de amantes pelas quais estava apaixonado, deixadas antes que o deixassem, e o abandono por seus terapeutas. Essa revivescência completa em análise ameaçava ser devastadora. Correspondia ao sentimento de uma multiplicação que, a cada evocação de um deles, divide-o ainda mais, tornando-o incapaz de se servir de seus afetos para indagar o que poderia fazer seu Eu tentando reunir o sentido que poderia emergir de uma exposição.

Gostaria de assinalar que não me parece correto remeter tudo ao traumatismo mais antigo, o do abscesso no seio. Procurei mostrar, ao contrário, que o que é preciso levar em conta é o agrupamento dos diversos traumas evocando-se uns aos outros, e em que o esforço do sujeito leva à denegação do que eles podem mutuamente pôr em comunicação para a psique, porque eles desenham menos uma evolução integradora do que assumem a forma de uma perseguição repetitiva levando, no limite, à denegação da própria realidade psíquica do sujeito ou da imagem que ele tem de si mesmo. Isso explica que a posição fóbica esteja no centro da organização psíquica, controlando, em cada circunstância, todas as vias que conduzem a isso, assim como todas aquelas que partem daí, porque o quadro formado obrigaria o sujeito a reconhecer sua raiva, seu ciúme e, mais do que tudo, sua destrutividade, forçando-o a se ver bem no fundo do desamparo, movido defensivamente por uma onipotência que só pode se situar na transgressão, ultrapassado por uma excitação sem fim mobilizando uma energia de desespero.

Consequências da posição fóbica central

Quais são os efeitos da posição fóbica central quando esta não é suficiente para conter os conflitos?



• Já assinalamos a imprecisão discursiva, sinal de *evitação associativa*, mais do que de ataque aos vínculos que, quando existe, sempre me parece posterior a essa evitação, *quando esta não conseguiu impedir que os vínculos se estabelecessem*. Ela engendra no analista o sentimento de que a confusão que habita o analisando acaba por ganhar também a ele.

• *A projeção*. Ela persegue aqui uma meta de objetivação. De fato, às vezes esses sujeitos – era o caso de Gabriel – se encontram mergulhados em situações em que terceiros se portam de maneira realmente hostil em relação a eles. Isso não os impede de utilizar psiquicamente essas animosidades verdadeiras para fechar os olhos ao lugar que estas ocupam em sua realidade psíquica servindo-lhes de tela. Da mesma maneira, a percepção de carências e de faltas nos próximos, para ser real, não está menos destinada a desviar a atenção de autorreprovações muito mais graves.

• *O masoquismo*. Os traços masoquistas infiltram-se no conjunto do quadro clínico: eles se associam ora a uma identificação com o objeto materno, ora a mecanismos de reparação ou, mais fundamentalmente, ao sentimento de culpa inconsciente, de uma profundidade *insondável*. Quanto ao sadismo, ele está menos relacionado à satisfação de fazer sofrer do que ao desejo de domínio como tentativa de controle vingativo sobre um objeto particularmente inapreensível, imprevisível, precário e evanescente.

• *A repetição* mergulha o sujeito indefinidamente nas mesmas situações, ultrapassando os meios do eu de evitar recair nelas; tem um papel de insistência, de marcação, de descarga, de segurança familiar, de autocegueira.

• *A provocação em relação ao objeto*, a pseudoagressividade masoquista visa repetir a injustiça do outro, suscitar o abandono do objeto para confirmar uma espécie de maldição inexorável.

• *O narcisismo assassinado*, consequência das humilhações do masoquismo. Os fracassos renovados e os abandonos repetidos solapam a autoestima, desencadeando a depressão.

• *A denegação*, enfim, a distinguir sem dúvida da negação; vimos que ela assumia a forma de uma denegação de reconhecimento de si, à qual voltaremos mais detalhadamente.

Esse conjunto constitui uma segunda linha de defesa, empregada inconscientemente pelo sujeito, quando a posição fóbica central é ultrapassada e os afetos depressivos e angustiantes passam a prevalecer.

Todas essas modalidades de funcionamento psíquico, quer pertençam ao regime erótico, narcísico ou destrutivo, têm como função proteger de uma sensação de desmoronamento, repetindo os traumas mais antigos.



Gabriel me disse, ao falar de suas relações atuais com a mãe, que não a via há muitos anos e que não se comunicava com ela há vários meses: “Faço como se ela não existisse mais dizendo a mim mesmo: agora estou tranquilo. No entanto, não posso renunciar a evocar os raros momentos do passado em que ela era atenciosa, calorosa e, portanto, a esperar reencontrá-la assim.” Essa mãe, ornada com uma auréola frágil –, apenas muito recentemente ele consegue evocá-la assim, fazendo-o compreender *après coup* o que sua perda apagou. Ele não podia renunciar a esperar sua ressurreição. Contudo, essa esperança era contrariada pelo excesso potencial que poderia animá-la. Ele ficou aterrorizado, no divã, quando lhe veio à memória um momento de intimidade com ela, em férias, na ausência do pai, quando tinha dez anos. Ele se recordava dessas manhãs no hotel de esportes de inverno onde lhes traziam o café da manhã na cama. “Recordo muito bem do chá e dos biscoitos.” Mas a lembrança de estar na mesma cama que ela suscitou nele o temor retrospectivo de que pudessem ter tido relações incestuosas cuja reminiscência seria o retorno do recalçado. Aos três anos de idade, ele havia acompanhado a mãe ao país de origem dela e tinha sido acolhido pela família como um pequeno príncipe. Aqui, parecia que todo o ambiente familiar era favorável a que ele ficasse sozinho com a mãe. Já em casa, eram brigas constantes e o sentimento de que o pai condenava sua proximidade com a mãe. Ele tinha a impressão de ler no olhar da mãe: “Você e eu estamos de acordo que seu pai é um chato.” Mas, em geral, ela olhava para ele sorrindo sem dizer nada, com um ar pleno de subentendidos. Ele acabou por admitir que sua mãe o havia abandonado quando ele tinha quinze anos porque ele tornava sua vida impossível, levando-a, de fato, a ir embora, pois ele estava muito preocupado com sua tolerância exagerada em relação aos seus comportamentos transgressivos na época, embora ela não tenha sido objeto de nenhum gesto inoportuno. Há muitos anos, ele tinha ido visitá-la, e esse foi seu último encontro. Era verão e ele estava de sandálias. Ela lhe disse: “Você tem pés bonitos.” No dia seguinte, ele voltou precipitadamente para Paris.

O sentido da rede e as irradiações associativas

Gabriel recebeu notícias alarmantes de sua mãe por intermédio dos médicos desta. Ela tinha uma doença grave à qual não dera importância e que obrigou o filho a cuidar dela, o que tinha sido impossível fazer até então devido à sua discordância. Essa foi a oportunidade de descobertas muito emocionantes, criando uma verdadeira união familiar em torno dela. Ao contrário de qualquer expectativa,



sua mulher gostou muito de sua mãe, com quem conseguiu manter diálogos que surpreenderam Gabriel. Ela considerou essa sogra “excepcional”. Durante toda a hospitalização, os enfermeiros ficaram impressionados com a enorme oposição da doente, com sua recusa de receber cuidados e, sobretudo, com sua anorexia, que ameaçava precipitar seu fim. Gabriel se desdobrava para lhe trazer os alimentos que suponha que lhe agradariam. É preciso dizer que essa última hospitalização havia reavivado a lembrança de uma anorexia antiga, combatida em vão por Gabriel, e aquela em que, anos após a partida inopinada de sua mãe, ele tinha sido chamado pelo homem a quem chamava de tio e que não era outro senão o antigo amante dela, cuja ligação havia motivado o divórcio, sem que com isso ele deixasse a família para viver com ela. O “tio” o havia chamado com urgência para junto de sua mãe, hospitalizada em uma clínica, à beira da morte, “com tubos saindo de toda parte”. Ele ficou perturbado por esse espetáculo de catástrofe física e psíquica, pois havia manifestamente uma depressão associada. E essa agora era como que a volta do pesadelo que, de uma forma invertida, lembrava a doença que se seguiu ao abscesso do seio. No divã, ele pôde sentir afetos muito intensos e, pela primeira vez, expressar seu amor. Dizia que sua vontade era tomar todo esse sofrimento para si, fantasia comum nesse tipo de situação, mas que dava um sentido novo às manifestações anteriores de fusão. Contudo, parecia que todos os problemas suscitados pelo corpo de sua mãe nas mãos dos médicos tinham despertado a lembrança de suas próprias experiências corporais quando era ela quem cuidava de sua saúde. Eu me recordei dos trabalhos de Joyce McDougall (1989) que, ao descrever estruturas psíquicas diferentes, mas não sem relação, falava de *um corpo para dois*. Era durante esses cuidados físicos na sua infância que se ativava uma angústia muito intensa de ver se confundirem suas zonas erógenas, fazendo surgir o espectro de uma identificação que teria conduzido a uma identidade feminina que o assustava, tanto mais quanto se produzia com uma vivência de intrusão que levava a pensar em uma verdadeira invasão apossando-se dele progressivamente. E mais ainda na medida em que seu pai, que continuava a visitá-lo de tempos em tempos, suportava muito mal as manifestações de homossexualidade mais benigna, o que os reduzia, quando de seus encontros, a permanecerem silenciosos por longos momentos, e tanto mais porque a mãe de Gabriel os desaprovava e o reprendia por isso. Ao lado das sessões em que as mesmas queixas e as mesmas ladainhas se repetiam a propósito de sua mãe, houve oportunidade para outros discursos em que ele manifestava sua surpresa de reencontrar uma mãe como ele não via há muito tempo e, segundo suas próprias palavras, uma mãe como ele sonhara que ela pudesse ser. Eu sentia que se produzia nele uma mudança, graças à qual era capaz de admitir uma imagem menos rígida do que havia apresentado



até então. Contudo, ele retornava longamente e repetitivamente à anorexia de sua mãe e à sua impotência para fazê-la comer quando era criança. Relembrava muito emocionado a profunda irritação em que ela o deixava. Um comentário chamou-me a atenção sem que eu compreendesse o que significava. Mesmo no hospital onde ela se encontrava e onde ele próprio levava alimentos que pudessem abrir seu apetite, ele me disse que dava um jeito de não estar presente quando ela comia. Logo depois, ele conseguiu evocar um período do passado do qual jamais havia falado e em que sua mãe, saindo do marasmo, havia feito um curso e levado uma vida ativa durante um certo tempo, antes de entrar novamente em depressão profunda por uma causa desconhecida. Por outro lado, Gabriel suportava mal ter de sofrer as consequências de algumas dificuldades presentes no seu círculo e independentes dele e reagia a situações objetivamente penosas operando certas clivagens, tentando se subtrair pela denegação dos problemas à sua volta sem qualquer motivo. Na mesma época, e graças a conversas com sua mãe, ele voltou às suas lembranças de infância em sessão. Ela o fez lembrar de como viviam no espaço de vinte e cinco metros quadrados que servia também de oficina para o pai. Ele dormia em uma cama de campanha na oficina, o pai na cama da sala de estar e a mãe em um sofá que ele não era capaz de dizer se era no mesmo cômodo onde dormia o pai ou naquele em que ele próprio se acomodava. A mãe também não foi capaz de esclarecer isso, o que tinha pesadas consequências psíquicas. Ele próprio havia repetido obstinadamente que jamais vira seus pais dormindo juntos, a não ser numa manhã de Natal em que ele tinha ganhado presentes. Pouco depois, voltando à anorexia da mãe, surgiu uma ideia: ele nunca a evocava comendo, mas recordou-se de uma determinada circunstância em que ela estava bebendo chá perto dele. Tomando sua xícara de chá, ela emitia certos ruídos com a garganta que o deixavam em um estado de extrema irritação. Ele desejaria poder deter os ruídos insuportáveis que fazia seu corpo. Sugeriu que esses ruídos o forçavam a imaginar o interior do corpo de sua mãe, o que ele admitiu, sem que isso levasse a uma verdadeira mudança. Na sessão seguinte, depois de ter evocado os problemas de seu filho, projetos de separação e outros relativos ao seu futuro, que me participava com uma reserva cheia de suspeita, ele manifestou o desejo de voltar à lembrança da mãe bebendo o chá. Tendo refletido a respeito, ele se dava conta de que, na língua de seus pais, se dizia “um copo”: *gluss* (de chá), palavra cuja sonoridade evocava o verbo francês *glousser*¹. Ele próprio concluiu que a ideia de um prazer no corpo de sua mãe lhe era intolerável e que gostaria de poder detê-lo imediatamente. Nota-se como essa associação surge no contexto

¹ N.T.: rir emitindo pequenos gritos.



separação-reaproximação, sustentada pela ideia de que o desejo da mãe era dormir com ele. Em seguida, na sessão, ele criticou sua cólera e sua irritação diante dos ruídos corporais, cóleras comparáveis a quando sua mãe ia sair à noite com uma amiga. Reencontramos aqui a separação, mas com o envolvimento de um terceiro. A irritação quando ela bebia o chá, ao contrário, estava relacionada à fantasia de uma mãe excitada em sua presença, como se fosse uma sedução de sua parte e exprimindo um desejo de aproximação que ele experimentava como incestuoso. Ele próprio se identificava com essa excitação projetada, engendrando nele a cólera que ele atribuía ao pai, mas com o resultado de que a ausência de proibição materna fazia disso uma excitação destinada a perturbá-lo sem encontrar saída. Eu lhe recordei que a mãe o fizera passar por seu irmão e, acrescentou ele, por seu marido. Na verdade, ele admitiria, na sequência, que a própria mãe se detivera na relação irmão-irmã, e que era bem possível que ele é que tivesse pensado que ela poderia ter chegado a dizer que ele era seu marido, tendo se assustado com esse pensamento e atribuindo-o a ela. Mas o essencial não estava em sua fantasia, reconhecida como tal, mas na ideia do consentimento da mãe a uma tal possibilidade.

É preciso assinalar esse encontro de extremos, como se apatia, depressão, anorexia e insatisfação, reivindicações e queixas só servissem para dissimular essa excitação, louca, mas tendo o poder de enlouquecer. Ele tinha visto seu pai louco de raiva ao descobrir a trapaça de sua mulher. Como se a representação de um objeto excessivamente ausente criasse em seu espírito um excesso de falta que despertava uma excitação sem saída possível. Durante uma sessão em que tentei lhe apresentar esse quadro psíquico, ele me respondeu: “pulsão de morte”, sem nada acrescentar. Depois me disse: “Eu pensava na verdade naquilo que tinha lido a propósito dos alcoólicos ao falar de um objeto interno insaciável e inconsolável.” Estávamos em duas linhas associativas convergentes. Ao sair dessa sessão, ele disse para si mesmo: “Tenho um companheiro.”

Tudo isso que estou relatando, tentando refazer a trajetória associativa que vê reaparecerem certos temas centrais de séries associativas diferentes, e mesmo proceder a inversões, ocorreu em duas ou três sessões. Faltou-me agrupar o conjunto para esta exposição, mas isto é para ilustrar melhor esse funcionamento em radiação que foi possível finalmente observar e que, no entanto, é tão rico que é preciso se restringir a apresentar uma imagem dele somente através de algumas amostras. É extremamente difícil restabelecer a integridade do funcionamento associativo durante as sessões, pois, nesses casos, a mente do analista também é constantemente solicitada pelo que eu chamaria de aproximações não estabilizadas, isto é, que não permitem à tomada de consciência apreender essas relações. O



analista também deve funcionar superando sua própria fobia de pensamento, isto é, sendo animado pela reverberação retroativa e a antecipação anunciadora nas vias possíveis onde elas podem estar engajadas. Segundo minha experiência, é somente nessa condição que o paciente pode perceber nele o reflexo de um funcionamento psíquico que segue o mesmo procedimento que aquele que descrevi para explicar os movimentos de pensamento na sessão e que pode superar seus bloqueios e suas inibições reconhecendo a transformação das forças psíquicas que o habitam, substituindo a destruição por uma circulação mais livre de seus afetos e de suas representações.

Essa construção interpretativa só é possível quando cada elemento, produzido como retorno do recalado, preserva uma capacidade de ressonância sobre outros cuja chave é dada apenas pelo sentido. A meu ver, não há outra possibilidade para o surgimento da verdade, a não ser o tempo prévio da dissociação dos elementos conscientemente vividos e da busca de cooptações seletivas com diversos elementos isolados cujo agrupamento permitirá o aparecimento de suas condensações contraditórias: furor da separação, perigo da aproximação, medo do retorno sobre o sujeito das projeções sexuais sobre o objeto, aparecendo de uma forma tanto mais louca na medida em que, supostamente, são mais negadas ainda no objeto do que no Eu. Tentativas permanentes de romper a continuidade e impedir a tendência do fluxo associativo de formar uma visão mais completa da situação.

Desenvolvimentos metapsicológicos

Como compreender metapsicologicamente o que a posição fóbica central revela nesses pacientes? Depois de ter avançado na elaboração de minha descrição clínica, folheando mais uma vez ainda, para um trabalho diferente, *O homem dos lobos* (Freud, 1918), deparei-me de novo com uma citação bastante conhecida sobre a castração, a propósito do que Lacan (1977b) chamou de *forclusão*, na qual afirma que nenhum julgamento ali envolvia sua existência, mas era como se ela não existisse (1918). Essa frase também ecoa em mim, assim como a de Gabriel: “Eu, à beira de um colapso porque minha mãe não chega nunca. Isso não existe em mim, isso não é eu.” E ainda: “Minha mãe me abandonou. Que mãe? Não tenho mais mãe. Ela não é mais. Ela não é.” Essas escapatórias evidenciam o paradoxo de uma culpa que requer uma reparação interminável, embora o sujeito se coloque em posição de vítima a quem se causou mais mal do que ele causou. A culpa é a consequência do *assassinato primário* cuja meta é proceder a uma



excorporação do objeto abandonante. Condutas autoeróticas tentarão preencher o vazio deixado por essa evacuação: aditivas, alcoólicas, bulímicas, ou ainda à base de seduções compulsivas; tudo é válido para provar e se provar que o objeto é sempre substituível e portanto destrutível – o que não engana muito o Supereu ao qual o assassinato primário não escapou. Há um outro paradoxo desse objeto cujo traço se manifesta pelo buraco de sua presença: esses pacientes, segundo Kahn (1983), *têm a cabeça cheia de vazio*. Eis, portanto, a característica desse objeto materno: ele só é apreendido pelo vazio em que deixa o sujeito, e se, ao contrário, chega a manifestar sua presença, seu fantasma preenche todo o espaço, ele *ocupa a cabeça*, como se diz. Ao assassinato primário do objeto corresponderá, quando de suas ressurreições, a ideia de uma potência paterna à qual só resta se resignar, lamentando não poder se libertar desse aprisionamento fascinante.

Que tipo de julgamento está em questão aqui? A *negação* nos apresenta dois: o julgamento de atribuição, que determina a propriedade que uma coisa possui, e o julgamento de existência que, em face de uma representação, deve decidir se esta remete a uma coisa que existe na realidade. Nenhuma das duas se aplica ao nosso caso. Não podemos considerar que se trata apenas de atribuir à coisa a qualidade boa ou má. O ato de suprimi-la indica que ela deve ser má, mas, como assinalamos, o apego inabalável que a vincula ao sujeito leva a pensar que ela é considerada como insubstituivelmente necessária. O que pensar de sua representação? Ela remete, sem dúvida, a um objeto que existe, a mãe, mas, por outro lado, essa representação a quer morta – não pelo mero fato de que existe vontade de morte, mas porque sua representação foi evacuada, declarada inexistente, condenada à morte, como que pela aparição de um luto instantâneo e realizado imediatamente, sem nenhum trabalho. O desaparecimento da representação na psique é retroativamente tão brutal quanto o de sua não-percepção no real. Essa situação se deve ao fato de que o julgamento negativo de atribuição não visa aqui recalcar – o que é também uma outra maneira de conservar –, mas abolir, erradicar do mundo interior. E, do mesmo modo, o julgamento de existência negativo não se limita à relação com a realidade externa, mas a um recurso onipotente que pretenderia se desfazer da realidade *psíquica*. Pode-se observar, do ponto de vista dessa realidade psíquica singular que, quando o paciente é atraído por alguma coisa a que ele poderia aspirar, raramente parece formar uma fantasia de desejo que permitisse conhecer sua posição subjetiva. Mais do que fantasiar, ele faz advir a coisa como já realizada; não no sentido de uma realização do sujeito, mas de um surgimento na realidade que o coloca menos na posição daquele que deseja do que daquele que já agiu. Em outras palavras, isto exigiria uma sanção, não por ter desejado o que não deveria, mas por tê-lo transgredido em



ato. O supereu aqui não desempenha o papel que Freud lhe atribui, de herdeiro do complexo de Édipo; ele promulga uma punição que é a mesma que significa a transgressão. Assim, a obstinação de ser o possuidor da mãe, que encontra sua sanção na loucura, realiza a separação, mas ao preço da segregação e do exílio, confinando-o a permanecer entre aqueles que jamais terão aceito a separação da mãe, segundo sua interpretação dessa doença. Pode-se falar de uma denegação da realidade psíquica na medida em que esses pacientes só podem conceber seu mundo interior amoldado pelas ações e reações dos outros em relação a eles, e toda demanda de reconhecimento de sua parte só pode conduzir ao desvendamento, percebido sempre como uma consequência da maneira como se comportavam em relação a eles, de uma raiva destruidora ou de uma sexualidade transgressiva em relação aos seus objetos primários. Esses estados devem supostamente ser interpretados como sinal de loucura, devendo necessariamente levar ao seu afastamento. O paradoxo é que a posição fóbica central deveria cuidar para não permitir que apareça o que se poderia adivinhar de tudo isso e, ao mesmo tempo, reproduziria essa situação temida, o paciente agindo assim em relação às suas próprias produções psíquicas que não podem ter acesso à sua própria consciência. Pode-se dizer que é uma violência contra eles considerar que os vínculos que se formam em sua mente devem sofrer uma exclusão que proíba sua inserção em contextos mais amplos, necessários a uma atividade de pensamento. Negar, aqui, é suprimir aquilo que, por sua percepção, atenta contra a existência do sujeito: para continuar a ser, é preciso que o objeto que não está lá não esteja mais absolutamente, sem preocupação com as consequências de sua perda. E se a ameaça contra o ser consegue retornar, rompendo a barragem das defesas, é preciso então que seja retirado o investimento dos traços que ele terá deixado. A forclusão que o conota terá sobrevivido apesar de tudo, contestando que seja esse Eu ferido do passado que volta a perseguir o Eu precário do presente. Assim, é preciso fugir sempre ao olhar daquele que pode perceber no discurso do sujeito os traços de uma mãe que reduz à impotência, porque ela não é mais que um fantasma de objeto ou uma fonte de excitação sem que nenhum desejo lhe dê sentido.

Em seu artigo sobre a negação, Freud escreve: “Originalmente, portanto, a existência da representação já é uma garantia da realidade do representado” (1925, p. 137). Seria preciso que se pudesse dizer no caso de que falamos: a inexistência da representação, sua supressão, é uma garantia da não-realidade do que foi excluído, como se a não-representação do objeto fosse suficiente para se livrar da ameaça que ele exerce. Se for preciso, o próprio sujeito se excluirá para evitar o novo assassinato que sugere a reparação do objeto que foi morto. Assim, ele terá pelo menos suprimido a dor que ameaça voltar, ligada ao investimento primeiro,





original, basal, primordial. Restará um semblante de sujeito que continuará sendo a presa das mortes e das ressurreições do objeto.

Voltemos então por um instante à forclusão: o que Freud (1918) descreve diz respeito à sessão de análise, e o que é relatado ali se refere *não somente ao que ocorreu na infância, mas também ao que ressurgiu dela*. Deduzo disso que a *forclusão se realiza no momento do retorno da experiência, permitindo inferi-la après-coup, na retrospectiva*. A forclusão, assim como a posição fóbica central, pertence ao processo analítico. Ela bloqueia a generatividade associativa que permite o desenvolvimento da causalidade psíquica.

É bastante comum defender a ideia de que a importância dos conflitos pré-genitais poderia nos levar a considerar sem importância o complexo de Édipo. É correto dizer que o complexo de Édipo não consegue, nesse caso, organizar de forma central a personalidade, mas é correto também se levantar contra a ideia de que se poderia considerá-lo sem importância. Por exemplo, é possível observar que a angústia de castração está muito presente e que não se poderia reduzi-la à forma superficial de um conflito mais profundo do qual ela seria apenas um simulacro. Ao contrário, pode-se falar de um complexo de castração. Vimos, ao longo da exposição, que o pai pode suscitar a fantasia de ter, por assim dizer, sequestrado a mãe. No entanto, o sujeito adulto não aceita jamais as tentativas maternas de afastar o filho do pai. Que este encarna as proibições, isso está bem presente. Sua importância é reconhecida e seus esforços para favorecer a individuação são objeto de uma gratidão. Resta que os sentimentos de hostilidade que pertencem ao quadro edípiano são vividos aqui não tanto na forma da criança em rivalidade com o pai, mas no modelo do desejo da mãe de excluí-lo do mundo psíquico – tentativa que mais tarde será objeto de dolorosos arrependimentos –, para estar em situação de consonância afetiva com a mãe. Mesmo quando o sujeito chega a uma reconciliação com o pai que ele amará com grande desvelo, este não poderá ajudá-lo a compreender melhor a relação com a mãe. Ao lado do pai edípiano, guardião da Lei, respeitoso da linhagem ancestral, ele é um outro pai. Aquele que, na psique, tem a função de reconhecer as astúcias do pensamento, a distorção da verdade, o jogo de deslocamentos, porque ele os remete a ele mesmo, genitor de um pensamento em busca de sua verdade, aquele que conhece a relatividade das proibições, seu caráter inconstante, variável, discutível, colocando-se a serviço de sua crítica e de sua contestação, mas que se torna o arauto de seu reconhecimento, assim como de sua falibilidade. Essa é a compensação por não ter conseguido inscrever-se no psiquismo infantil com o inegável poder de participar da construção de um universo mental empenhando todas as formas da intimidade mais profunda, a do corpo em diálogo.



O que impressiona nesses pacientes, diante dos momentos críticos que atravessam, é a *simplicidade das situações causais – decepções, abandonos, traumas afetivos, feridas narcísicas –*, a *dissimulação desenvolvida em face dos conteúdos e dos afetos mobilizado mesmo quando estes parecem naturais e, finalmente, a extrema complicação dos processos psíquicos e das modalidades do trabalho do negativo. Quanto mais claro é isso, mais deve ser disfarçado, mais deve parecer incompreensível.*

De fato, esses pacientes sabem que a análise é o único lugar onde podem exprimir sua loucura e vivê-la sem temer retorções muito graves. Para além de sua denegação, de sua enérgica tentativa de ignorar o que esconde esse fundo antigo que volta à superfície periodicamente, para além dos combates que travam na transferência contra o reconhecimento da verdade e onde todos os meios são válidos – esquecimentos, contradições, culpabilização do analista, reneгаções, distorções do raciocínio –, a transferência continua sendo positiva, pois eles devem à análise o fato de estar sãos, senão salvos. Freud nos chamou a atenção para isto: ninguém pode escapar de si mesmo.

Post-scriptum

Desde sua primeira apresentação, este trabalho sofreu acréscimos, na medida em que evoluía a psicanálise do paciente. Antes de encerrá-lo definitivamente, gostaria de fazer algumas considerações finais.

O tratamento de Gabriel seguiu um curso que mostrava uma melhora constante. Ele conseguiu finalmente *reencontrar* sua mãe e redescobri-la, não apenas como ela era em sua lembrança, mas como sempre quis vê-la e como percebeu que ela tinha sido. Agora posso dizer que a imago materna, com a ajuda da análise da transferência, foi verdadeiramente interiorizada, sem idealização excessiva, mas com o pleno reconhecimento dos aspectos positivos que ela lhe transmitira (particularmente na sublimação). O luto se desenrolou da forma mais ordinária. Outros sinais da guinada no sentido da cura apareceram. Gabriel deu provas de sua capacidade de enfrentar e de superar com sucesso situações diante das quais havia recuado até então.

Ele chegou a me dizer não apenas que estava feliz com seus êxitos, mas também, o que me parece ainda mais importante, que se sente hoje um homem “quase” livre. Afinal, quem o é totalmente? □



Abstract

The central phobic position: with a model of free association

The author discusses a particular quality of associative behaviour observed in some borderline patients, and its role in maintaining a central defensive position, clearly discernible in a complex use of the analyst, and a particular functioning of the mind that the author terms phobic. Illustrating his argument with a detailed clinical account of the gradual joining of associative themes in one particular patient, the author both demonstrates the theory underlying his practice and exemplifies the deeper theoretical underpinning of his approach to psychoanalysis. This implies a new formulation of the free association method. By constructing an analytic space in which free association and psychoanalytic listening are possible, the analyst can voice and link previously catastrophic ideas, quite unknown to the patient's consciousness, to help the patient to create meaning and obtain relief from previously dominant but unknown terrors. Concluding his paper, the author links his clinical account both to his ideas on temporality and negativity and to the relationship between oedipal and pre-oedipal elements.

Keywords: *Boderline. Oedipal.* Temporality. Negativity. Free association method.

Resumen

La posición fóbica central: con un modelo de la libre asociación

El autor discute una cualidad específica de comportamiento asociativo observada en algunos pacientes borderline y su papel en la manutención de una posición defensiva central claramente perceptible en una utilización compleja del analista y un funcionamiento específico de la mente, al que el autor denomina fóbico. Ilustrando su argumentación con un relato clínico detallado de la vinculación gradual de temas asociativos en un paciente en particular, el autor demuestra la teoría que fundamenta su práctica clínica, así como ejemplifica la fundación teórica más profunda de su enfoque psicoanalítico. Esto implica una nueva formulación del método de la libre asociación. Construyendo un espacio analítico donde es posible la libre asociación y la escucha psicoanalítica, el analista puede dar voz y vincular ideas previamente catastróficas, desconocidas por la consciencia del paciente para ayudarlo a crear significado y a obtener alivio de terrores previamente dominantes, aunque desconocidos. Al concluir su trabajo, el autor vincula su relato



clínico tanto a sus ideas sobre temporalidad y negatividad como a la relación entre elementos edípicos y pre-edípicos.

Palabras llave: Boderline. Edípico. Temporalidad. Negatividad. Método de libre asociación

Referências

- BION, W. R. (1967). Attacks on linking. In: *Second thoughts*. London: Heinemann. p. 93-109.
- FREUD, S. (1895). Esquisse d'une psychologie scientifique. In: BONAPARTE, M. et al. (1956). *Naissance de la psychanalyse*. Tradução Berman A. Paris: PUF. p. 342.
- _____. (1915). Repression (paper on metapsychology). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. v. 14. London: The Hogarth.
- _____. (1918). From the history of an infantile neurosis. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. v. 17. London: The Hogarth.
- _____. (1925). Résultats, idées, problèmes. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. v. 2. London: The Hogarth. p. 137.
- GREEN, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (2000). *Le temps éclaté*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- KHAN, M. M. (1974). The concept of cumulative trauma. In: *The privacy of the Self*. London: Hogarth.
- _____. (1983). *Hidden Selves*. New York: International Universities.
- LACAN, J. (1977a). The agency of the letter in the unconscious or reason since Freud. In: *Écrits*. New York: Norton. p. 146-178.
- _____. (1977b). On a question preliminary to any possible treatment of psychosis. In: *Écrits*. New York: Norton. p. 179-225.
- McDOUGALL, J. (1989). *Theaters of the body*. New York: Norton.

Recebido em 14/04/2010

Aceito em 28/04/2010

Tradução de **Fátima Murad**
Revisão técnica de **Luciane Falcão**

André Green
9 Avenue de L'Observatoire
75006 – Paris – France
e-mail: andregreen@wanadoo.fr

© PUF, 2000
© André Green
Versão em Português Revista de Psicanálise – SPPA